

MOSSORÓ
em 35

Copyright © 2009, Alvanir B. de Carvalho

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sem a expressa autorização do autor, por quaisquer meios empregados - eletrônicos, mecânicos, fotográficos ou outros.

Todos os direitos da obra, reservados e protegidos pela Lei de Direitos Autorais nº 9.610/98

Conteúdo original da obra sob total e exclusiva responsabilidade do autor, dentro do que rege a Lei de D.A. 9.610/98

Primeira Edição em 1999

Alvanir B. de Carvalho

Rua Prudente de Moraes, 790

Ap. 302 - Ipanema

22420-040 - Rio de Janeiro - RJ

Telefone (0 xx 21) 2522-3569

e-mail: alvanirbezerra@oi.com.br



PoD Editora

Rua Barata Ribeiro, 322

Copacabana – Rio de Janeiro

Tel. 2236-0844

atendimento@podeditora.com.br

www.podeditora.com.br

Impressão e Acabamento: PoD Editora

Alvanir B. de Carvalho

MOSSORÓ em 35

Um romance na
História do Brasil

Rio de Janeiro
Abril de 2008

Capa
Martha Schneidermann de Carvalho

Revisão do Texto/Comentarista
Geraldo Lobato Franco

Ficha Catalográfica

C254n Carvalho, Alvanir B. de

Mossoró em 35: um romancee na história do Brasil

Alvanir B. de Carvalho. — Rio de Janeiro:

A. B. de Carvalho, 1999.

410 p.; 21 cm

ISBN: 85-901474-2-8

1. Literatura brasileira - Romance. 2. História - Brasil

I. Título.

CDU: 869.0 (81):981

Catálogo na fonte – SITTAG
Setor de Informação Técnica e Tecnológica
sittag@openlink.com.br
Tel: (21) 587-1188
SENAI-RJ. CFP de Artes Gráficas

Sumário

Prólogo	7
O rifle de papo-amarelo	9
A foice e o martelo	17
Deus, Pátria e Família	19
Missa dominical	29
Nazistófilos brasileiros	33
Bagunceiros da guarda civil	39
Influência cubana	43
Parada fascista de natal	49
Aliança nacional libertadora	57
Serviço secreto integralista	59
Comícios aliancistas	65
O misterioso	71
Sargento braga	71
Denúncias de “o globo”	79
Demissão de sargentos aliancistas	83
Telegrama sobre	89
Silo meireles	89
Infiltração nos correios	93
Violência aliancista	97
Escuta telefônica	101
Fechamento da anl	109
Informe do governo	115
Palestra anticomunista	117
Estamos prontos!	125
Invasão da abissínia	129
Mensagem imperial	139
Treinamento militar	147
Fábrica de bombons	151
Eleição e posse do	155
Novo governador	155
Seutino é contratado	159
Demissões em massa	163

Mudança no comando	167
Extinção da guarda civil	175
Censão de dona santa	179
Cifrado do garoto	185
Carregando o caminhão	191
Conluio com a guarda civil	195
Morte do tropeiro	201
Gráfica clandestina	207
O ataque de lampião	211
Precipitando a revolução	221
Detidos na cancela	225
Prisões em mossoró	233
Reações da paraíba	235
O quadrado russo	241
Colunas do interior	253
Armando a população	257
Pólvora para canhão	271
Pandemônio na estrada	277
Volantes da paraíba	287
Os bravos do seridó	295
Encontro de	309
Campina grande	309
Discussões na pensão	315
O convite	323
A arma que eu quero	333
Morte vingada	350
Telefonema das salinas	365
Avanço sobre natal	371
Um rifle de presente	383
Posfácio	387
Bibliografia selecionada	391

PRÓLOGO

Nós, habitantes dos países subdesenvolvidos, devemos agradecer aos comunistas o fato de terem induzido, pelo temor que inspiravam, os nossos dirigentes a voltarem sua atenção para as necessidades do povo.

Este não é um livro de história, mas sim uma narrativa romaneada, de fatos e circunstâncias ocorridas em 1935, no Brasil, em particular na região do Nordeste, que culminou na assim denominada intentona comunista que, em 2005, estará completando setenta anos.

É um romance parte história, parte fantasia, visto que a grande aventura vivida em Mossoró, pelo personagem Seutino, não pôde ser comprovada através de documentação específica, quer por ser inexistente, quer por não ter sido localizada. Por isso, recorri à ficção, sobretudo a descrição de certos encontros e situações supostamente ocorridas com os personagens, tendo em vista melhor situar o leitor de hoje nos acontecimentos da época.

De um modo geral, a documentação sobre a revolução comunista de 1935, citada por uma dezena de autores distintos, baseiam-se sobretudo em informes e declarações das pessoas envolvidas. Se é válido para os outros, por que não seria também válido no meu caso, em que a história narrada tomou por base informações que me foram repassadas por meu pai, também ele um dos participantes ativos daquela aventura?

A maioria dos incidentes e situações narradas de fato aconteceram, se não conforme foram descritas, pelo menos andam perto disso. Outras ocorrências foram aqui inseridas no texto tendo por finalidade situar o leitor de outras plagas nas condições, no modo de vida, no ethos e no linguajar dos Nordestinos.

Os personagens principais de fato existiram e, caso tenham sido apresentados de modo incorreto, não o foram por má fé, mas sim devido a possíveis falhas da minha memória, que não registrou da forma perfeita as informações coletadas meio século atrás, quando o meu pai ainda vivia. Alguns nomes foram inventados tomando-se por base nomes comuns, típicos de nordestinos em geral, pelo que espero não venha a ser interpretado por ninguém, de modo equivocado.

Tentei recriar, para os leitores de hoje, alguns dos condicionantes sócio-político-econômicos e culturais, da época, que descambaram na tentativa comunista de reformar, pela força das armas, um país que se encontrava em vias de transformação.

Em particular, foi minha intenção destacar a coragem e a valentia dos norte-riograndenses, um povo tido e havido como pacato e ordeiro – se comparada à violência contumaz dos Paraibanos, no mesmo período – de cuja pronta reação devem muito os brasileiros de outras terras, visto terem contribuído para evitar que o golpe comunista de Natal se espalhasse pelo resto do Estado do Rio Grande do Norte, de conformidade com os planos, somente anos depois descobertos, de conturbar o interior, a fim de justificar o desgaste do Governo do Presidente Getúlio Vargas e, desse modo, estimular levantes idênticos em outras unidades militares o que, graças à atuação dos norte-riograndenses e também dos pernambucanos e dos paraibanos, felizmente não ocorreu.

Cabe ressaltar que, e ainda que esta seja uma história tendo como pano de fundo a rebelião comunista do Vigésimo Primeiro Batalhão de Caçadores – uma tropa do Exército, sediada em Natal – ênfase especial foi dada à atuação do Governo do Estado da Paraíba, cuja ação, sobretudo aquela dos bravos soldados da Força Pública, devidamente apoiada em cidadãos armados, da população civil, contribuiu para impedir a expansão dos rebeldes, pelas cidades próximas, incluindo-se aí vários combates – e todo combate implica em riscos de vida - travados pela Força Pública da Paraíba, enviada pelo Governador Argemiro de Figueiredo, para enfrentar os revoltosos, em nome da lei e da ordem.

O Autor

O RIFLE DE PAPO-AMARELO



No Rio de Janeiro, é final de tarde de um dia qualquer, do verão de 1980. Como de costume nessa época do ano, fazia um calor intenso. Sentado numa cadeira de balanço, de espaldar alto, na sala de estar do seu apartamento de classe média, na Rua Marquês de Abrantes, na Zona Sul da cidade, a cabeça reclinada para um lado, um cidadão idoso cochilava, tranquilamente. De sua mão pendia o jornal do dia, cuja leitura fora interrompida, momentaneamente. Preso ao pescoço, por um cordão preto, de Nylon trançado, achava-se um par de óculos de grau, bi-focais, um requisito de sua idade.

Um tipo moreno claro, 81 anos de idade, 1,70 m de altura, pesando cerca de 70 kg, feições bem definidas, barba raspada e sem bigodes, que nunca usou, o cidadão vestia calça clara e camisa de linho, de mangas compridas, na cor creme, com um monograma discreto, na altura do coração. Malgrado o calor ambiente, a camisa era por ele mantida impecavelmente abotoada nos punhos, uma exigência que ele se atribuía, como decorrência do seu “status” social de homem de bem.

Nos pés, sandálias de couro, do tipo muito comum na região nordestina, de onde se originava. Produto do cruzamento de índios Cariris com o homem branco, aquele cidadão exibia feições ligeiramente angulosas, boca estreita e fina, quase sem lábios e olhos ligeiramente esgarçados, um detalhe imperceptível, visto que as pálpebras desciam pelos cantos, estreitando a visão e, com o passar dos anos, tornando-se tão pesadas que facilmente o induziam a dormir. Seus cabelos, finos e lisos, tendiam mais para o prateado do que para o

esbranquiçado tão comum nas cabeleiras de outros homens, da raça branca, da mesma faixa etária.

A cor dos olhos era uma mistura de verde com castanho claro, do tipo que os nordestinos denominam de agateados, isto é, olho de gato. E olho de gato era o que de fato aquele cidadão parecia ter pois que, durante muitos anos, sua vista acurada lhe possibilitava ver bem à distância, assim como proporcionando-lhe uma excelente pontaria, coisa da qual muito se orgulhava, inclusive da vez em que, numa competição entre amigos, arrancou o fundo de uma garrafa de cerveja, atirando com pistola, fazendo pontaria na boca da garrafa. Em verdade, quando moço ainda, numa época caracterizada por muita violência, no Nordeste, ele costumava dizer que “um homem deve saber nadar bem, dançar bem, conversar bem, andar à cavalo bem, e atirar muito melhor”.

Um jovem magro e alto, de pouco mais de 16 anos de idade, entrou na sala, trazendo na mão um velho rifle Winchester, do tipo “Papo Amarelo” - assim denominado por ter, na base da culatra, um protetor de latão amarelo. Excitado pelo manuseio da arma, aproximando-se do cidadão, sem perceber que ele dormia, o jovem indagou, curioso - Vô!?

Manobrando a alavanca do rifle, como se estivesse jogando uma bala na agulha - Zapt, zapt,... fez o ferrolho da arma, ao abrir e fechar a culatra.

O jovem oscilou o cano pela sala, à procura de um alvo qualquer, identificado, por fim, na figura do relógio de parede. Fazendo pontaria, o jovem acionou o gatilho. - Click. Fez o cão da arma, disparando em seco, batendo catolé.

Despertado por aquele barulhinho tão familiar, o cidadão abriu os olhos. Avistando o neto, ao entender o que ele estava fazendo, disse-lhe, paternalmente - Ainda bem que tirei as balas.... Do contrário você teria feito um barulhão danado, além de destruir a mobília da casa.

Aparentemente não se apercebendo do significado daquelas palavras, o jovem indagou, curioso - E então, vô!? Foi com essa arma que o Senhor defendeu Mossoró, não foi?

Sem aguardar pela resposta, o jovem acionou várias vezes a alavanca de recarga do velho papo-amarelo, só que agora fazendo

pontaria na foto de casamento do avô, pendurada na parede. - Zapt, zapt... click. ... Zapt, zapt... click.

Enternecido, o avô ajustou os óculos sobre o nariz, ficando a observar a familiaridade do rapazola no manejo da arma, coisa que também muito apreciava. Decorridos alguns instantes naquela contemplação, confirmou o questionamento a ele dirigido - Foi com essa arma, sim!

Continuando a manobrar e a disparar em seco, o jovem exclamou, entusiasmado - O Senhor enfrentou um bando de comunistas. Num foi vô?

O avô respondeu, falando modestamente - Não era tanta gente assim... Além do mais, eu não estava sozinho.

Parecendo incansável em seus questionamentos, o neto voltou a indagar - O Senhor deu muito tiro, vô?... Matou muitos comunistas?

Aparentemente constrangido por não ter participado de uma ação mais dramática, o avô respondeu - Não foi bem assim. Eu nem ao menos avistei os revoltosos. Não foi necessário dar um só tiro neles. Se é isso o que você quer saber.

Desapontado por não receber confirmação de uma aventura que estava imaginando ter sido muito movimentada e sangrenta, o neto exclamou - **Não deu nenhum tiro?**... E que defesa foi essa,... se o Senhor nem sequer atirou?

Sentindo um pouco de saudade dos velhos bons tempos de brigas e correrias pelo mato, ainda demonstrando certa vitalidade, esticando os braços magros, na direção do neto, de quem recebeu a arma, o cidadão examinou, cuidadosamente, aquela preciosidade. Jogando uma bala imaginária na agulha do rifle, fez uma caprichada pontaria na parede da sala e disparou catolé, tal qual o neto. - Zapt, zapt... Click.

Devolvendo a arma ao neto, que sentou numa cadeira ao seu lado, falando com calma, no seu estilo peculiar, comentou - Tem batalha que é ganha sem se dar um só tiro, e sem ter que morrer ninguém, o que é melhor para os dois lados.

Fazendo cara de descontente, profundamente frustrado por se aperceber de que o avô não era o grande guerreiro que ele imaginava, o neto contestou - Ora... vô!... Se não houve tiro,... se não morreu ninguém... como é que o Senhor considera isso uma batalha?

Afagando ternamente os cabelos do neto, por quem tinha grande afeto, o cidadão esclareceu - Não morrendo ninguém, as mágoas são menores.

– Mas... Balbuciou o jovem, tentando contra-argumentar.

– O importante é que vencemos! Interrompeu-o o avô.

Insatisfeito com a teoria de vitória sem combate, sonhando com aventuras rocambolescas, vividas pelo avô, o neto tornou a questionar - Eu não compreendo. No cinema, toda batalha tem muito tiro. O pessoal dá tiro pra todo lado... e morre gente à beça.

– No cinema, eles têm que mostrar muita ação. Muita aventura. O mocinho dá cinco tiros e mata três bandidos. Porém, é tudo mentira! Na vida real, eu já participei de muito tiroteio, desses que duram até duas horas de bala zunindo sobre as nossas cabeças e, no fim, temos dois ou três feridos e apenas um ou dois homens mortos. Não mais do que isso.

Incrédulo, o neto questionou aquela informação - Duas horas de tiroteio e só um ou dois mortos?

– Pois é o que eu digo.... Em Mossoró, foi até melhor, pois vencemos sem ter que dar um só tiro nos inimigos.

Uma vez que não via confirmar-se as expectativas de ter um avô guerreiro, o neto mudou de assunto - Vô!? No Brasil já teve tanta revolução que me confunde. Vê se o Senhor me explica isso direitinho. Me fale sobre a Revolução de 35. O Senhor era contra os comunistas. Não era?

– Eu não era nada. Nem comunista e nem integralista. Só uns poucos eram comunistas e outro tanto se diziam integralistas. Na verdade, em todas as épocas, a maioria das pessoas quer mesmo é trabalhar e viver em paz. Só os fanáticos é que acham que têm o dever de salvar o mundo, impondo suas crendices aos demais.

– Aí complicou tudo. Exclamou o jovem.

Coçando a cabeça, como se estivesse procurando recordar-se de uma história passada há mais de cinquenta anos, o avô informou - Para que você entenda este assunto, o melhor é eu começar do começo.

Explicando para o neto aquela história, o avô deu início a uma longa explanação - Era uma época “braba”. O Brasil daquele tempo

era um país muito atrasado. Prevalcia a credence generalizada de que os dirigentes políticos, assim como os magistrados e os funcionários públicos, de um modo geral, eram pessoas corruptas, que não ligavam para as necessidades do povo.

O Brasil era pouco industrializado. Exportávamos matérias primas, a preços baratos, e importávamos quase tudo que fosse produto industrializado, pagando preços elevados.

Remexendo-se na cadeira, buscando uma posição mais confortável, o cidadão continuou - Em 35, a economia do país estava praticamente estagnada, ainda sofrendo os efeitos da crise econômica mundial, iniciada em 1929. O desemprego era elevado, a inflação corria solta, e havia descontentamento no meio do povo. Os Estados Nordestinos eram muito pobres em relação à maioria dos Estados Sulinos, em especial ao Estado de São Paulo, que se auto proclamava “a locomotiva do país”.

– Vô? O que foi o Tenentismo? Indagou o neto, desejoso de saber mais, sobretudo de novidades ainda não abordadas na conversa.

– O tenentismo foi um movimento reformista, iniciado por jovens oficiais das forças armadas, sobretudo do Exército, quase todos no grau de Tenente, que se batiam em defesa de uma renovação dos costumes políticos no país, pela contenção dos interesses financeiros estrangeiros, também defendendo a idéia de um centralismo decisivo, autoritário, de estilo ditatorial. Eles acusavam o legislativo de passional, e de estar vendido aos interesses de terceiros.

– Ao pretenderem mudanças rápidas, os “Tenentes” se envolveram em frequentes complôs e revoluções contra o Governo Central.

– Alguns Tenentes nutriam profundo desprezo pelas demandas populares, sobretudo aquelas originadas nos movimentos operários - sabidamente infiltrados pelos anarquistas e pelos comunistas - daí que, no seu entender, tais demandas deveriam ser combatidas pelo governo, sob a alegação de não se ajustarem aos interesses nacionais.

– Eles chegaram até mesmo a fundar um clube, o “3 de Outubro”, cuja meta era manter Getúlio Vargas no poder, através do Governo Provisório, sob a justificativa de que a revolução de 1930 deveria prolongar-se pelo tempo que fosse necessário até conseguirem implantar as reformas políticas e administrativas idealizadas por eles.

– É curioso dizer que, uma das reformas preconizadas pelos Tenentes, constava a divisão do território do Brasil em quarenta e dois Estados, com áreas menores. Alegando necessidades administrativas, ao estilo de Napoleão Bonaparte, quando da divisão territorial da França, procuravam, desse modo, enfraquecer o poder de alguns Presidentes Estaduais, a exemplo de Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul, em cujos vastos limites territoriais habitava uma população numerosa, raramente visitada pelo Governador local.

Depois de pequeno intervalo, enquanto refrescava a memória, o avô continuou - Piorando a situação, duas vertentes políticas, antagônicas - fascistas e comunistas - procuravam insuflar o povo. Apregoando medidas salvadoras, os adeptos de cada uma dessas teorias afirmando ter a solução para as nossas mazelas.

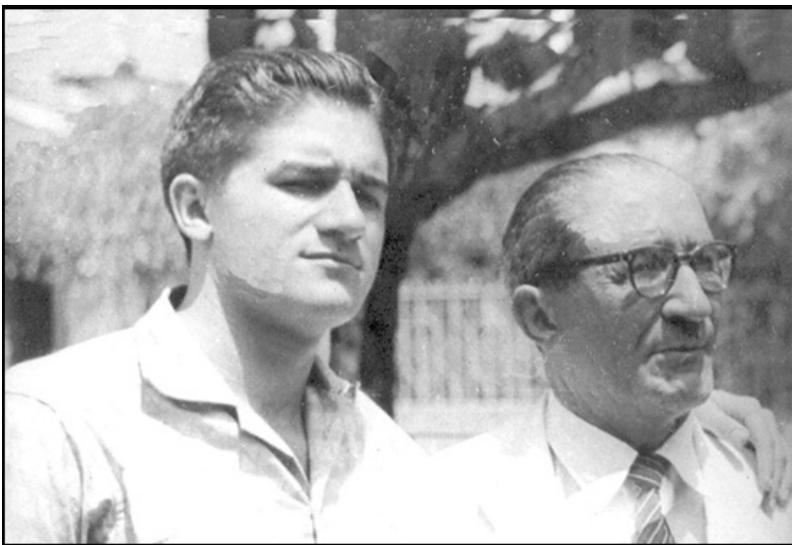
Os comunistas acenavam com a implantação de um regime da ditadura do proletariado. Os fascistas, por sua vez, também visavam a derrocada do regime democrático, tentando impor um regime ditatorial, no qual predominasse o poder executivo, com evidente enfraquecimento do poder legislativo e do judiciário, ambos acusados de estarem corrompidos.

Tanto os comunistas, quanto os fascistas tentavam inculcar, no povo, um sentimento anti-capital estrangeiro.

– A política fervia no sangue das pessoas. O Governo Federal não conseguia solucionar os graves problemas sociais do país. Getúlio Vargas, no poder desde a revolução de 30, havia convocado eleições gerais que indicaram, pelo menos do ponto de vista legal, quem deveria ser o Presidente da República, assim como os Governadores dos Estados, em substituição aos Interventores Federais, nomeados por ele. Até então, o Presidente Vargas dirigia o país com um tipo de autoritarismo próprio da época.

– Autoritarismo? Como assim? Indagou o neto.

– Autoritarismo e Ditadura querem dizer praticamente a mesma coisa. Alguns dos principais países do mundo eram dirigidos por ditadores, a exemplo de Mussolini, na Itália, Hitler, na Alemanha e Stalin na Rússia, cujas formas de governo exerciam uma notável atração para o resto do mundo.



Alvanir e Seutino – C. Grande, 1959

E os americanos, vô? Eles não tinham influência?

– Naquela época, quem mandava ainda eram os ingleses. Só que, então, estavam surgindo novas potências mundiais: a Itália Fascista, a Alemanha de Hitler, a Rússia Comunista, o Japão Imperialista e os Estados Unidos, cada um desses países com objetivos bem definidos, se bem que conflitantes. Daí a confusão que resultou.

Lembrando-se de um detalhe, o avô acrescentou - Os americanos eram isolacionistas e não queriam saber de nada do que ocorria fora do país deles, salvo na América Latina, para onde, de vez em quando, enviavam navios de guerra, de acordo com a política das canhoneiras.

– **Política das canhoneiras?** Estranhou o neto.

– É como passou a ser conhecida a política dos Norte-Americanos que, por qualquer motivo, enviavam um navio de guerra para intimidar os dirigentes dos países Sul-Americanos.

Raciocinando mais um pouco, o avô corrigiu a informação anterior dizendo - Isto não queria dizer que os Americanos não tivessem

alguma importância para nós. Capitais norte-americanos, assim como capitais alemães costumavam ser investidos no Brasil. Por exemplo, Epi-tácio Pessoa, ex-Governador da Paraíba e, na época Senador, quando foi eleito Presidente da República, pelo Congresso Brasileiro, encontrava-se em Paris. Na sua viagem de retorno ao Brasil, ele primeiro fez uma visita de cortesia ao Presidente Norte-Americano, Woodrow Wilson, seu ex-colega na Conferência de Paz, de Paris. Situação parecida ocorreu em 1930, quando o Presidente Eleito, Júlio Prestes, também visitou a Capital Norte-Americana.

Vale dizer que, desfrutando de certo prestígio pessoal junto ao Presidente Americano, Epi-tácio Pessoa chegou ao Rio de Janeiro a bordo do encouraçado norte-americano Idaho. Ou seja, o Presidente Woodrow Wilson aproveitou-se da situação para exibir o poderio militar do seu país.

Rebuscando na memória mais algumas informações, o avô comentou - A única coisa ruim, nos horizontes daquele tempo foi a corrida armamentista, verificada notadamente na Itália fascista e na Alemanha Nazista, assim como no Japão, fato esse que obrigou os demais países importantes a também se armarem.

- E o Brasil? Nós também entramos nessa corrida armamentista? Indagou o neto.

- Não! O Brasil sempre foi um país adepto da boa paz.

A FOICE E O MARTELO

Impaciente, desejoso de cobrir, em poucos minutos, todo um longo período da história, o neto pediu - Vô! Fale sobre os comunistas. - É verdade que a revolução de 35 foi uma revolução comunista?

Rebuscando em sua cabeça informações sobre aquele pedido, o avô respondeu - O partido comunista no Brasil nasceu das lutas operárias, iniciadas pelos anarquistas italianos, na década de 20, firmando-se, em definitivo, em 1922, quando os comunistas assumiram a hegemonia.

O espalhamento do ideário comunista foi uma consequência da visão globalizante dos líderes bolchevistas, da União Soviética, que acreditavam que o sucesso da Revolução Russa, de 1917, dependia da vitória de revoluções comunistas noutras partes do mundo. Daí que o Partido Comunista Russo criou a Internacional Comunista, mais conhecida por KOMINTERN, tendo por objetivo promover e organizar a ocorrência de revoluções semelhantes noutros países.

- O símbolo do partido comunista foi habilmente projetado e desenhado. É uma obra de propaganda, consistindo do cruzamento de uma foice com um martelo, representando a associação simbólica dos trabalhadores do campo com os trabalhadores da cidade.

Apanhando um caderno no qual costumava fazer anotações de tudo o quanto lhe parecia importante, já que sua memória começava a dar sinais de fadiga, o avô desenhou o símbolo mencionado.



Esse símbolo eu já conhecia. Porém, o que eu quero saber, mesmo, é sobre a revolução comunista no Brasil.

– Paciência. Eu já vou chegar lá.

– Em Novembro de 1935, aqui no Brasil, ocorreu uma revolução comunista, tão esperada quanto difundida. Foi uma revolução anunciada pelos próprios interessados, quer voluntariamente, quer por meio de atos e movimentos pouco camuflados, pelo que o povo até aguardava que acontecesse.

Porém, no frigidar dos ovos, pode-se dizer que a revolução de 1935 não passou da ação desorganizada de uma minoria audaciosa de aventureiros comunistas que, sobretudo no Rio Grande do Norte, conseguiu induzir integrantes de outros partidos a tomar parte daquela aventura, um bom número dos quais acreditando tratar-se apenas de um protesto armado, contra o Governo do Estado, recém-empossado no cargo.

Segundo se soube, tempos depois, o golpe comunista estava programado para ocorrer, simultaneamente, numa mesma data, em todo o território nacional. Por sorte que, em decorrência da incapacidade organizacional das lideranças comunistas nacionais, da época, aliada a fatores circunstanciais diversos, houve precipitação por parte dos conspiradores natalenses, a insurreição do Vigésimo Primeiro Batalhão de Caçadores, uma unidade do Exército, estacionada em Natal, eclodindo alguns dias antes do esperado, fato esse que, com toda certeza, desorientou os demais conspiradores, os levantes militares que se sucederam ocorrendo de forma desordenada, pelo que foram facilmente derrotados.

DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA

– Ta bom, vô! Agora, eu quero que o Senhor fale no integralismo, na turma das camisas pardas.

– Não eram pardas, pois que as camisas pardas eram usadas pelos nazistas, na Alemanha. Os fascistas italianos usavam camisas pretas e os integralistas brasileiros usavam camisas verdes. Corrigiu o avô.

– Eu, por mim, até preferiria que usassem camisas pardas, uma cor neutra, menos berrante do que as ridículas camisas verdes, dos integralistas brasileiros.

– Por que alguém iria querer ser um integralista?

– Essa é outra história bastante complexa. Respondeu o avô, acrescentando – Em primeiro lugar, havia o desejo sincero dos brasileiros que abraçaram o integralismo em tentar modificar o antigo sistema oligárquico, corrupto, mesquinho, em vigor no país, na esperança de encontrar novos caminhos que levassem à salvação nacional. Em segundo lugar, os integralistas visavam constituir um partido de unidade nacional, ao contrário dos inúmeros partidos políticos, de então, quase sempre ligados a interesses eleitoreiros, localizados.

– Pelo que o Senhor disse, fascistas e comunistas rezavam pela mesma cartilha da imposição de suas vontades, sem qualquer preocupação com o aspecto democrático da coisa. Certo, vô?

– Você está certo! Tanto é assim que, fascistas ou comunistas, cada um desses grupos pretendia conquistar o poder central, dando um golpe para destituir o Presidente Vargas.

A Ação Integralista Brasileira, ou AIB, era uma organização política, inspirada no fascismo italiano. Pelo que li, após o retorno de uma viagem à Itália, em 1930, Plínio Salgado ficou bastante impressionado com o regime vigente naquele país, em face do que fundou o jornal “A Razão”, em cujos editoriais formulou sua concepção política nacionalista.

Os fascistas se declaravam contra as oligarquias, contra o liberalismo, contra o socialismo e também contra o capitalismo internacional. Eles se diziam constituir um movimento nacionalista em defesa da

ordem, da disciplina e das tradições patrióticas do povo, além de se apresentarem como o único meio de combater o comunismo ateu.

– O Senhor chamou os integralistas de fascistas ... De onde vem essa denominação?

– Vem da Itália, que foi o país onde surgiu o partido fascista, que antecedeu o nazismo alemão, que copiou dele muita coisa.

O nome fascista vem da palavra “fascis” que, na Roma antiga, representava a insígnia da autoridade judicial, um machado – para cortar cabeças – envolto por uma porção de varas, para aplicar surras correcionais.

– Que símbolo era aquele que os integralistas usavam na manga das camisas? Indagou o neto.

– Os integralistas, do mesmo modo que os nazistas alemães, exibiam um símbolo, na manga da camisa dos seus uniformes, denominado “Sigma”.

Abrindo seu caderno de anotações, o avô também desenhou, numa de suas páginas, o símbolo dos integralistas.



– Um povo habituado a macaquear tudo o quanto vem de fora, os símbolos, bandeiras, uniformes, e a saudação adotados pelos integralistas brasileiros eram em tudo por tudo idênticos aos símbolos usados pelos fascistas italianos e também pelos nazistas alemães, reforçando a suspeita de que o integralismo brasileiro não passava de uma cópia daquelas ideologias estrangeiras. Tinham por lema a frase “Deus, Pátria e Família”.

– Eles tiveram sucesso, vô?

– O número de adesões à AIB fez dela o primeiro partido político de massa, organizado no país. Em 1935, seus membros foram estimados em mais de 500 mil pessoas. E tem mais ... a AIB possuía sua própria milícia, de formação para-militar, e uma imprensa, composta por diversos jornais de circulação local, duas revistas, um órgão oficial – Monitor Integralista – e um grande órgão de divulgação nacional – A Ofensiva.

– Isso tudo deve ter custado “uma nota”, não é vô?

– Muito dinheiro, digo eu.

– E de onde é que vinha esse dinheiro, se o país passava por uma crise econômica, conforme o Senhor mencionou? Perguntou o neto.

– Pelo que se supõe, o dinheiro vinha tanto da Itália fascista quanto da Alemanha nazista. Estima-se em mais de 4 milhões de dólares o montante das contribuições alemãs para os fascistas brasileiros, tanto aqueles que integravam a AIB, propriamente dita, quanto os que integravam o Partido Nazista Brasileiro, com atuação nos Estados do Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, onde residiam grandes núcleos de colonos alemães.

– E o que é que os alemães poderiam querer do Brasil, se ninguém dá nada de graça aos outros? Eles deveriam esperar algum benefício. Estou certo?

– Você tem razão. Documentos trazidos à luz, anos depois, deixam perceber que, sobretudo os Alemães, pretendiam facilitar a instalação de um governo pro-nazista, no Sul do Brasil, com vistas, inclusive, à ocupação das áreas dos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, para onde seriam transferidas novas colônias alemãs, dentro da política do Lebensraum nazista.

– **LEBENSRAUM?** ... O que é isso?

– É uma palavra alemã que, na língua deles, quer dizer “espaço vital”. Ou seja, no entender dos nazistas, o povo alemão necessitava de mais espaço físico, para onde se expandir, mesmo que o referido espaço já estivesse ocupado por outros povos, cujos direitos não seriam considerados.

É curioso lembrar que também os japoneses, então aliados dos nazistas, utilizaram a mesma justificativa quando da tentativa de ocupação dos territórios de vários países da Ásia, no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

– O Senhor quer dizer que os nazistas pretendiam por em prática uma nova forma de colonialismo?

– É isso aí! Afirmou o avô. – Porém, muito antes do surgimento do Partido Nazista, os alemães já haviam tentado fazer isso às custas dos africanos, quando ocuparam a região dos Watusis, na parte central da África, hoje compreendendo os países de Ruanda e Burundi.

O plano nazista, por eles denominado de pangermanismo, também englobava a América Latina, em particular o sul do Brasil, pois nos consideravam uma raça de mestiços, um povo inferior, que pretendiam dominar, expulsando os brasileiros que não fossem de sangue alemão para regiões não desejadas por eles, assim como o Nordeste.

– **Filhos da puta! ...** Explodiu o neto, com raiva, que a seguir se desculpou pela linguagem chula, utilizada.

– Eu acho que os alemães têm algum parentesco com as formigas. Comentou o avô.

– Como assim?

– É que eles têm a mania de pensar em fundar novas colônias noutras terras. Veja você que o pangermanismo dos nazistas objetivava produzir uma Grande Alemanha, através da criação de “Pequenas Alemanhas” no exterior, quero dizer, na África, na América do Sul e também em algumas ilhas da Oceania, para onde seriam transferidos seus excedentes populacionais.

– “Formando colônias”, como as formigas?

– Isso mesmo. Porém essa idéia não era nenhuma novidade. Em 1895, um alemão de nome Adolfo von Cöuring, já preconizava uma expansão territorial da Alemanha. Em 1911, outro alemão, R. Tannenber, no livro “Grande Alemanha”, incluiu um mapa no qual o território do Rio Grande do Sul, mais toda a Argentina, Chile, Uruguay e Paraguay passariam a constituir-se na Alemanha Austral.

– Puxa vida. E eu que tanto apreciava os produtos alemães. Protestou o neto.

– A mecânica alemã é muito boa. E suas mulheres são muito apetitosas, com aquela pele rosadinha, macia. O chato é ter que conviver com a arrogância dos alemães homens, em sua eterna preocupação com a exatidão das coisas, como se a vida pudesse ser transformada em pura matemática.

Demonstrando repulsa à idéia da formação de colônias alemãs no Brasil, o avô externou sua opinião. – O pior disso tudo é que os alemães não aceitavam a miscigenação com os nativos dos lugares para onde se deslocavam. Por exemplo, os descendentes de alemães, residentes no Sul do país, foram atraídos para Clubes e Associações Desportivas, onde praticavam lutas marciais, esgrima, arco-e-flecha, tiro ao alvo, natação e outras atividades voltadas para o aperfeiçoamento físico.

Porém, somente quem tivesse sangue alemão poderia ser admitido em tais associações, onde inclusive falava-se apenas o alemão. Em pouco tempo, insuflados pelos nazistas, os imigrantes alemães passaram a adotar uma postura de superioridade racial, em relação ao “povinho misturado” que, todavia, lhes havia matado a fome.

– A colônia alemã no Sul do Brasil era expressiva?

– Não! Os imigrantes italianos eram cerca de cinco milhões. Porém, os alemães não chegavam à casa do primeiro milhão. Melhor assim pois que poderíamos ter corrido o risco de termos tido um “putch” nazista, em nosso país.

Voltando a falar do integralismo brasileiro, o avô continuou – O engraçado nisso tudo é que, ignorando o que os nazistas tramavam, os dirigentes do Governo Vargas consideravam a Alemanha Nazista um modelo a ser imitado.

– Pelo que li, os comunistas trabalhavam por baixo do pano, sempre às escondidas. Como agiam os integralistas?

– Contando com o apoio quase oficial do Governo Federal, os integralistas atuavam abertamente. Eles se aproveitavam do temor do povo ao ideário comunista, procurando transmitir a convicção de que sua doutrina era a melhor maneira de combater o comunismo ateu, razão pela qual o movimento integralista recebia o generoso apoio de entidades católicas e, por conveniência, também o apoio da burguesia industrial, então fustigada pelo movimento operário, extremamente reivindicatório de direitos reais ou imaginários.

Para você ter uma idéia mais clara do assunto, basta que lhe diga que, na Paraíba, o meu cunhado, Pedro Bezerra, já falecido, adepto de tudo quanto fosse novidade, levou-me para assistir uma palestra, num curso introdutório sobre o integralismo.

– Conte como foi, vô. Insistiu o neto.

De pé, numa pequena sala, transformada em auditório, no interior de uma casa modesta, caiada de branco, porém tendo suas portas e janelas pintadas de verde, além de exibir um escudo contendo a letra Sigma, na fachada, diante de uma reduzida platéia de homens adultos, sentados em cadeiras simples, um militante integralista, devidamente uniformizado, cartilha do partido na mão, que consultava a todo instante, explicava para seus ouvintes os fundamentos da doutrina integralista.

– **O que é o Integralismo?** Leu ele, em voz alta.

Após uma ligeira pausa, que aproveitou para nova consulta à cartilha de endoutrinamento, o instrutor deu prosseguimento àqueles ensinamentos – Em matemática, define-se a Integral como sendo a soma de um número infinitamente grande de parcelas, sendo cada parcela infinitamente pequena. Por comparação, poderíamos dizer que o Estado Integralista é o somatório da infinidade de pequenas células que compõe a nação, células essas representadas pelas unidades familiares, pelas classes trabalhadoras, pelos professores, pelos profissionais liberais, pelos militares, pelo juizes, pelos legisladores, pelos trabalhadores, etc.



Era noite e apenas uma lâmpada nua, pendurada do teto da sala estreita, fornecia iluminação parca àquele ambiente. Na parede frontal da sala era possível ver, com grande destaque, as fotos de Plínio Salgado, Getúlio Vargas, Hitler e Mussolini.

Aproveitando um raro momento em que o expositor parou de falar, um dos ouvintes, homem simples, do tipo humilde, rosto cansado, pobrememente vestido, a barba por fazer, levantou o braço e perguntou, timidamente – Adiscurpe a expressão, mas ... O qui é essa coisa aí que o Sinhô dixeu, ... essa tár de célula?

Ele próprio sem saber direito o que dizer sobre o assunto, o doutrinador consultou o livro, tentando encontrar um meio convincente de explicar o que seria uma célula, para o seu discípulo.

– Célula é qualquer coisa pequena. Por exemplo, numa cesta de caju, cada caju pode ser considerado uma célula.

Outra vez levantando a mão, demonstrando acanhamento, o mesmo homem externou, indignado, sua opinião – Mas eu num sô uma fruta, ... eu num sô um caju.

Os demais ouvintes explodiram numa gargalhada espalhafatosa, da mais pura gozação, deixando o instrutor sem graça.

– Qua, qua, qua, quaaaa ...

Olhando fixamente para o homem da pergunta, o orientador apelou para uma nova explicação – Esqueça o exemplo do caju. O que eu quis dizer foi que, para o nosso líder, o Doutor Plínio Salgado, cada um dos Senhores, aqui presentes, mais cada um do resto dos cidadãos residentes nesta cidade, representa uma célula, isto é, uma unidade muito pequena que, somadas ao restante dos cidadãos, formam o conjunto geral, que é a nossa Pátria.

Balançando a cabeça, em sinal de aparente entendimento, o homem da pergunta exclamou, convicto – É como se nois fosse boi no pasto. O patrão chega e manda contá. Aí nois conta e diz qui tem 30 boi. É isso?

Aproveitando o exemplo dos bois, o expositor acrescentou – É quase isso. Só que, para o conjunto que forma a nação, também somamos os bois no pasto do fazendeiro vizinho, mais os bois do outro fazendeiro, e assim por diante, até que tenhamos somado todos os bois de todos os pastos desse nosso grandioso país.

Exibindo um ar de contentamento, por acreditar-se um entendido no assunto, o mesmo homem tornou a dizer – Eeeitaaa peeste-eee! ... Vai tê boi qui num acaba maaaiiis.

Conquanto desapontado pelo aparente fracasso em transmitir uma noção correta do que seria o integralismo para pessoa tão pouco lúcida, porém fingindo que aquele homem havia de fato entendido a explicação, o expositor se preparou para avançar na matéria. Passando os olhos pelo auditório, ele mencionou a palavra juramento.

– **Juramento!** ... Vocês sabiam que, para se tornar um Integralista, cada um de vocês vai ter que fazer um juramento solene, de lealdade ao partido?

Dando tempo a que seus pupilos absorvessem melhor aquela informação, o expositor continuou – O Integralismo exige um juramento de fidelidade e de obediência à sua Doutrina, encarnada na pessoa do Chefe Nacional.

– Segundo o nosso líder, o Doutor Plínio Salgado, o Chefe não é uma pessoa, ele é uma idéia. Essa idéia está consubstanciada num homem, pelo que é preciso defendê-la com sua própria vida, missão essa que é expressada através de um compromisso de honra, firmado por meio de um juramento. Através desse juramento os integralistas se comprometem a sacrificar interesses, ambições e inclinações de ordem pessoal, pelo êxito da nossa causa.

Caminhando para lá e para cá, deslocando-se por entre as cadeiras onde estavam sentados “os alunos”, de modo a melhor prender-lhes a atenção, o expositor continuou lendo, pausadamente, a cartilha em sua mão – O Integralista jura por Deus e pela sua honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando as ordens do Chefe e de seus superiores hierárquicos.

Ao integralista não compete discutir as ordens recebidas em serviço da causa, tal fato conduzindo à desordem, à anarquia.

Fazendo nova pausa, o expositor mirou, pausadamente, cada um dos homens ali presentes e lhes disse, à guisa de exortação – Quem não tem fé em Deus, não pode se tornar um integralista. Não aceitamos ateus e nem comunistas em nosso meio. Tem que ser um católico praticante, que vai à Missa, todos os Domingos, ... que não se mete

com mulheres da vida, e nem tem o vício de jogar cartas e nem o de beber. Tem que ser um bom cidadão e tem que ser um bom cristão.

Com ar de superioridade, o expositor passou a vista pela platéia. Uma vez que ninguém ali presente se manifestasse em contrário, ele continuou com a exposição – A finalidade do Integralismo é a defesa da idéia de Deus, da Pátria e da Família. Trabalhar por esse movimento é ficar ao lado do espírito contra a matéria, ao lado da moral contra a perversão do século, representada pelo comunismo ateu.

MISSA DOMINICAL

De braço dado à sua mulher, um pequeno comerciante, conhecido por Seutino, que era a corruptela de Senhor Tino, encaminhava-se para a igreja, acompanhado pelo cunhado, Pedro Bezerra. Simpatizante extremado do movimento integralista, Pedro não perdia tempo, tentando convencer o cunhado – O comunismo anda solto, prestes a nos dar um bote. Você soube da greve insuflada pelos comunistas, que paralisou os transportes públicos, em Recife?

Por mais que o cunhado falasse, Seutino parecia alheio àquelas ponderações políticas. Este, porém, insistia em sua pregação – O jornal CLASSE OPERÁRIA, defendeu a necessidade de formação de repúblicas soviéticas, no Brasil.

– **Classe Operária?** Eu nunca ouvi falar nesse jornal. Respondeu Seutino.

– É um jornal comunista, editado no Rio de Janeiro. Explicou o cunhado.

– Ora, meu velho ... O Rio de Janeiro fica muito longe. Como foi que você soube disso? Questionou-o Seutino, que sabia ser o cunhado um desses tipos de pessoas fanáticas.

– Eu vi uma cópia do jornal, na reunião do Partido Integralista. Respondeu Pedro.

Aproveitando o ensejo para enquadrar o cunhado dos inúmeros desvios dos quais o acusava, Seutino ponderou – Deixe a política pra lá, e vá cuidar de sua família, homem. Política só trás benefícios para os políticos.

Seutino era um homem profundamente religioso. Não que fosse do tipo “beato de igreja”, pois tudo o que se limitava fazer era assistir a missa, todos os Domingos. Porém, essa história de confessar seus pecados para outro homem, de carne e osso, igual a ele, e receber a comunhão, isso ele não fazia nunca. Se tivesse alguma coisa para confessar ele o fazia diretamente a Deus, não aceitando intermediários, só por que eram Padres, pessoas que cometiam tantos ou piores pecados do que ele próprio, que não tinha a obrigação moral de não os

cometer, tal qual se esperava de um Padre, com seus juramentos. E, no seu entender, alguns Padres que conhecia não mereciam respeito.

Entrando na igreja matriz, Seutino e a esposa foram ocupar lugares num dos bancos laterais, nas primeiras filas, logo depois do “curral de madeira envernizada”, que separava o altar mor, com alguns poucos genuflexórios de uso exclusivo de piedosas senhoras da sociedade local, que haviam pago um bom dinheiro pelo privilégio de poderem se ajoelhar naquele recinto, cuja divisória as mantinha separadas do povão.

De onde estava, Seutino podia ouvir e acompanhar o sermão do padre, ou do bispo celebrante, sem ser perturbado pelo converseiro de algumas pessoas, do tipo do cunhado Pedro, que se deixavam ficar, lá mais para trás, perto da porta principal, flertando com as mocinhas namoradeiras.

No decorrer do sermão, incansável, o bispo Dom Moisés mais uma vez atacou os comunistas:

- O nosso Santo Padre, o Papa Pio XII, condenou o comunismo ateu, dizendo que todos aqueles que fazem de sua crença em Deus o fundamento da ordem social, devem formar em defesa da civilização ameaçada, organizando uma frente única contra o materialismo comunista.
- No comunismo o indivíduo não passa de um instrumento nas mãos do Estado.
- O comunismo destrói a religião, destrói a família. Conforme disse o Santo Padre, o Papa Pio XI, antes de morrer, as barbaridades praticadas pelos comunistas contra a igreja superam, em amplitude e violência, todas as perseguições sofridas pela igreja, em toda sua história.
- Através da encíclica “Divini Redemptoris”, Pio XI afirmou que o comunismo é a mais completa negação de Deus.
- O comunismo confisca a propriedade privada, que passa a ser do Estado, reduzindo tudo a interesses materiais. Porém não é só de pão que vive o homem. O pão é o alimento do corpo, porém Deus é o alimento da alma.
- Na Rússia Comunista, onde prevalece o espírito materialista, camponeses e artesãos são considerados “pequenos burgueses” e por isso mesmo perseguidos e presos.
- Naquele país, tido como o paraíso dos trabalhadores,

o desemprego é muito elevado e falta de tudo.

– Falando mentiras e apregoando embustes, os comunistas se apresentam às massas trabalhadoras com reivindicações de fácil compreensão. Utopias desse tipo, que a prática desmente, seduzem os pobres e os desempregados dos países capitalistas.

– Mas, não é só isso. Em 1931, numa decorrência de eleições gerais para as Cortes Espanholas, o novo governo, de maioria esquerdista, decretou a proclamação da República, em face do que o rei Afonso XIII foi deposto e mandado para o exílio, no exterior.

– Duas semanas após a proclamação da república, grupos comunistas, previamente organizados, iniciaram a queima de igrejas e de conventos, sem que as autoridades governamentais tentassem impedir tais atos. Nada menos do que 102 igrejas foram queimadas.

– Isto é o comunismo que nos ameaça, e contra o qual temos que lutar, e que Deus nos proteja.

Aquelas palavras caíram fundo, nos corações dos católicos, que permaneceram no mais respeitoso silêncio. Muito emocionado, Dom Moisés deu por concluído o sermão. Feito isso, dirigiu-se para o altar onde, após fazer piedosamente uma genuflexão, voltou-se para a congregação e, abrindo os braços, como se estivesse captando uma irradiação celestial, pronunciou as palavras sagradas – **Dominus vobiscum!**

Cruzando a mão esquerda sobre o peito, ao mesmo tempo em que levantando, solenemente, a mão direita, fazendo o sinal da cruz, Dom Moisés benzeu os fiéis, pronunciando palavras em Latim, “in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti”.

Dando meia-volta, mais uma vez se ajoelhando, em sinal de respeito aos símbolos sagrados, o bispo se preparou para abrir o sacrário. Nesse momento, os coroinhas, vestindo batinas pretas, enfeitadas com um sobrepeliz de linho branco, rendado, acionaram as estridentes campainhas de prata, sinalizando para o povo ter chegado a hora de se ajoelharem.

Um dos padres que assistia ao Bispo na celebração da missa, voltou-se para o público e ordenou, com voz arrogante – **T-O-D-O-S D-E J-O-E-L-H-O-S!** Insistiu ele, ao mesmo tempo em

que passava um olhar quase feroz, repressivo, pelos membros retardatários da congregação, que ainda não haviam se ajoelhado, a exemplo de Seutino, que insistia, em discussões com sua mulher, pelo direito dele mesmo poder escolher se ajoelhar ou não, sem ter ninguém para mandar nele, ou a quem dar satisfações.

Nesse ínterim, a um sinal do padre auxiliar, as Filhas de Maria, concentradas no coro da igreja, começaram a cantar, com voz estridente e fanhosa, o hino da Divina Luz:

À nós descei
Diiiviiiinaaa Luuuuz
À nós descei
Diiiviiiinaaa Luuuuz
Em nossas almas acendei
O amor, o amooor de Jesus
Em nossas almas acendei
O amor, o amooor de Jesus.

Naquele tempo, no decorrer da Missa, a congregação permanecia em respeitoso silêncio, limitando-se apenas a rezar o Pai Nosso, em voz alta, ou a dizer amém, depois que os padres pronunciavam certas frases específicas.

E também não tinha essa história de cumprimentar o vizinho de um lado e do outro, após o final da missa, do mesmo modo que se cumprimentava um amigo ou um parente, ao se encontrarem em casa, ou na rua. O fato de estarem ali, casualmente sentados, um ao lado do outro, não significava absolutamente nada, para nenhum deles. Uma vez finda a missa, aquela proximidade estaria encerrada, e provavelmente jamais dirigiriam a palavra um ao outro, quer na igreja ou fora dela. Em sendo assim, para que perder tempo com cumprimentos sem significado?

Tampouco era utilizado o costume de estender a mão, feito pastor protestante, abençoando quem quer que fosse, mesmo em se tratando de um batizado ou de um casamento. Na igreja daquele tempo, apenas os padres é que faziam alguma coisa. Quanto aos fiéis, era cada um por si, Deus por todos e nada mais do que isso.

NAZISTÓFILOS BRASILEIROS

Terminada a Missa, os paroquianos foram saindo, sem pressa, caminhando devagar. Aqui e ali, porém, numa demonstração de fé extremada, algumas mulheres ainda permaneciam de joelhos, rezando com fervor, agradecendo a Deus por alguma graça concedida, ou então pedindo algum favor especial.

Uma vez que a maioria dos homens não tinha mais nada para fazer, ao longo do dia, após se desvencilhar de suas mulheres, foram se deixando ficar pelo pátio externo, formando grupinhos para os bate-papos usuais. Como de hábito, o assunto principal foi o sermão do bispo, cada um deles tecendo comentários e apresentando opiniões as mais diversas.

O que quase ninguém notou foi que o bispo de Cajazeiras, conquanto tivesse atacado o comunismo ateu, não fez qualquer menção às doutrinas exóticas do nazismo e nem do fascismo, regimes notórios por suas perseguições políticas, inclusive fuzilamentos e até mesmo assassinatos dos opositores. Não falando mal dos fascistas o Bispo evitou manchar o nome do integralismo brasileiro, aliado daqueles.

Integrando um dos grupos de homens, em conversa no pátio da igreja, sendo ele muito exaltado nas suas ponderações, Pedro Bezerra foi logo externando sua opinião – Comunismo!? ... É bestêêêraaa. Em 1921, os comunistas de São Paulo fizeram uma campanha para arrecadar auxílios e donativos para os flagelados do Volga.

– E o qui é qui tem isso? Questionou um dos homens reunidos.

– Ora, homiiii! ... Você sabe ao menos onde é que fica esse tal de Volga?

Diante do mutismo do amigo, que de fato não sabia onde é que ficava o Volga citado, Pedro explicou-lhe – O Volga é um rio lá da Rússia. Você vê só como são essas coisas, ... em vez de se interessarem em fazer campanha para ajudar os pobres flagelados do Nordeste, brasileiros assim como eles, essa gente vai e faz campanha em favor dos flagelados do Volga, lá do outro lado do mundo.

– E daí? Voltou a questionar o segundo homem.

– Puuuxaaa viiidaaa, meu chapa. Então você não percebeu que eles só se interessaram em ajudar os camaradas que vivem num país comunista?

Exaltado, Pedro continuou a falar – O Nordeste é aqui, o Volga fica lá na Rússia. Cadê a tal de solidariedade para com os pobres? Só por que os pobres daqui não são comunistas?

Interessado em contestar Pedro Bezerra, um simpatizante do comunismo sacou do bolso uma foto um tanto quanto já amassada e desgastada. Exibindo a foto de um grupo de pessoas vestindo uniformes nazistas, ele exclamou, em protesto – Veja essa foto aí.

Recebendo a foto, que examinou com certa atenção, um dos homens comentou, demonstrando pouco interesse – Tem um bando de nazistas, aí. Olhe a suástica no braço deles.

– **Um bando de safados!** Exclamou, com ódio, o portador da foto.

– Só dá alemão nessa foto. Isso deve ter sido tirada na Alemanha. Comentou o amigo, passando a foto adiante.

– **Alemanha, coisa nenhuma!** Retrucou o homem que havia exibido a foto – Olhe direito, meu caro. Veja a bandeira brasileira na parede, ao lado da bandeira nazista. Disse ele, apontando para um detalhe da foto que não tinha sido percebido pelos demais companheiros.

– É sim! Exclamou um dos homens, resfolegando por cima do pescoço do que detinha a foto em suas mãos. – Tem a bandeira do Brasil ao lado da bandeira nazista.

Olhando, estupefato, para a Bandeira do Brasil ao lado da Bandeira Alemã, ambas pregadas na parede dos fundos da sala, encarando o portador da foto, um dos homens questionou sua origem – De onde veio isso? Quem são esses sujeitos?

– Isso veio de Santa Catarina. Informou o primeiro homem. – É a foto de um grupo alemães, que pertencem a um tal de Partido Nazista Brasileiro, no qual somente entra quem for alemão ou descendente de alemães. E tem mais – disse o homem – nas reuniões deles, só se fala alemão.

– Ochenti! ... Mas nois num tá num é no Brasil? Onde já se viu faláá alemão num país onde todo mundo fala Português? Isso pra mim num tá direito, não. Vice?



Exaltado, o simpatizante comunista foi enfático – Pois deixa está. Quando nois tumá o podê, vamo dá um ponta-pé no traseiro deles e expulsá todo mundo, de volta pra Alemanha.

– É assim que se fala, compadre. Exclamou um dos homens, dando apoio ao companheiro.

Cajazeiras situa-se num platô, 291 m de altura, acima do nível do mar. Todavia, devido ao fato de encontrar-se cercada por uma cadeia de montanhas, o clima é bastante quente na maior parte do ano. Por isso, atendendo sugestão de um dos participantes daquele convés-cote, os homens se encaminharam para debaixo do coreto, no centro da pracinha, onde ficariam abrigados da ação inclemente do sol.

Era naquele coreto que, no final das tardes do último Domingo de cada mês, “Sá Zefinha”, como era popularmente denominada a Banda de Música do Município, tocava para o entretenimento popular.

Mal chegaram ao coreto, parcialmente ocupado por algumas crianças que subiam correndo as escadas de pedra para, ultrapassando a balaustrada, se jogarem lá de cima, pulando no gramado ao redor, o grupo foi alcançado pelo Padre Gervásio, que foi avisando – Hoje, à

noite, vamos ter uma palestra na Ação Católica, para a qual gostaria de convidar todos vocês e as respectivas esposas.

Organização da igreja, a Ação Católica foi criada com a finalidade de evangelizar as nações e dar combate ao ideário comunista, através de uma série de palestras e debates objetivando formar uma boa mentalidade cristã entre os católicos brasileiros. A idéia de criação da Ação Católica partiu do papa Pio XI, através da encíclica “Ubi Arcano Dei”, de 23 de Dezembro de 1922, através da qual aquele papa acreditava que a Igreja Católica seria capaz de curar a chaga do materialismo comunista.

A ACB não se envolvia, pelo menos teoricamente, com qualquer atividade de natureza político-partidário. Todavia, na prática, membros da Ação Integralista Brasileira, por serem católicos praticantes, podiam fazer palestras nas sedes da Ação Católica, oportunidade que, sob o pretexto de falar de cristianismo, aproveitavam o ensejo para defender as teorias integralistas e condenar o comunismo ateu.

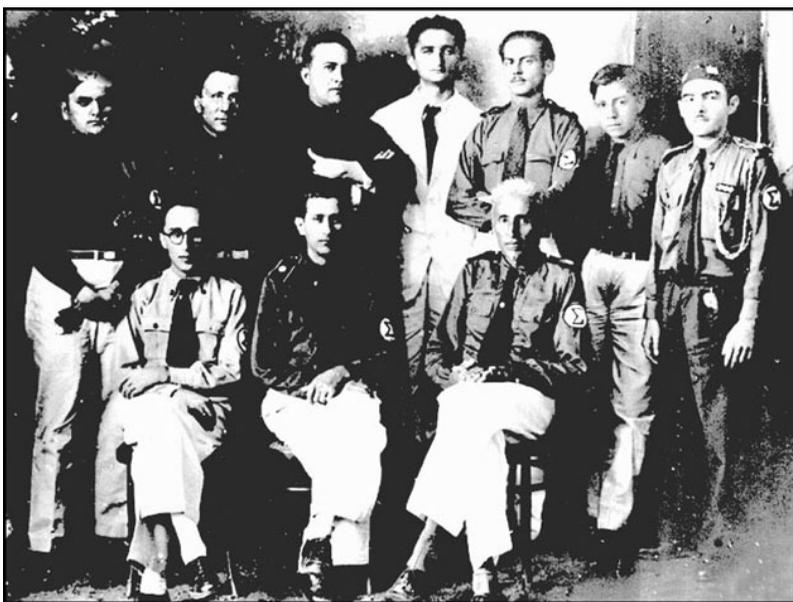
Na hora apazada, o auditório da Ação Católica estava lotado, sobretudo de simpatizantes integralistas, nenhum dos quais exibia os ridículos uniformes ou outros adereços que chamassem a atenção. O palestrante daquela noite foi o Padre Walfredo Gurgel, da Paróquia de Acary, no Rio Grande do Norte.

O Padre Gurgel, um homenzarrão branco e um pouco gordo, tinha sido um dos poucos padres brasileiros a merecer o privilégio de ser enviado para estudar no Vaticano, em Roma, onde permaneceu durante dois anos, frequentando cursos especiais, destinados ao preparo de novos quadros para ocupar, no futuro, postos de destaque na hierarquia da igreja católica. Consequentemente, durante sua estada em Roma, o Padre Gurgel foi influenciado pelo fascismo italiano, daí ser ele muito solicitado para promover palestras sobre o assunto, em quase todas as paróquias nordestinas e até mesmo no Rio de Janeiro.

Em sua palestra, o Padre Gurgel atacou a ideologia comunista, classificando seus simpatizantes de anti-cristãos, lacaios de Moscou e coisas afins. O palestrante chamou a atenção para a série de greves de caráter nacional, que então se sucediam no país, a mais recente das quais tendo sido a greve geral dos bancários, segundo ele instigada

pelos comunistas, e que eclodira ao mesmo tempo em Recife, Rio de Janeiro e em São Paulo, paralisando o país.

Para maior ênfase de suas palavras, o Padre Gurgel fez circular, pelo auditório, um exemplar do jornal comunista CLASSE OPERÁRIA, em cujo editorial seus dirigentes voltavam a defender a instalação de “soviets” no Brasil. Ele também exibiu recortes de jornais do Rio e de São Paulo, nos quais comentava-se que, no decorrer de um comício realizado no dia 13 de Maio, no Rio de Janeiro, Luis Carlos Prestes – por ele denominado líder comunista – havia publicamente aderido à Aliança Nacional Libertadora, que assim revelava a farsa engendrada pelos comunistas para a tomada do poder.



O orador chamou a atenção dos presentes para o teor dos discursos do Comício de 13 de Maio, no Rio de Janeiro, que defendiam, abertamente, a necessidade de ser instalado um governo que fosse popular, nacional e revolucionário. Em outras palavras, um governo comunista.

Lá pelas tantas, ao mesmo tempo em que retirava do bolso da batina, algumas fotografias que exibiu aos presentes, o Padre Gurgel comentou – Eu não sei quanto a vocês, aqui na Paraíba. Porém, na região do Seridó, no Rio Grande do Norte, estamos nos organizando. A nossa milícia é formada por homens valentes, dispostos a matar e morrer em defesa da Pátria, caso esse bando de celerados comunistas se atrevam a tentar dar um golpe.

Enquanto o Padre Gurgel falava no auditório, instalado no primeiro andar da Ação Católica, lá em baixo, na base da escada que levava àquele local, numa demonstração bem clara do predomínio da intolerância sobre os demais sentimentos humanos, um garoto do interior, encarregado pelo Padre Gervásio de tomar conta da portaria, evitando que a meninada fizesse bagunça, foi hostilizado pelos demais coleguinhas, que passaram a considerá-lo um intruso, um dos quais, de mais idade e mais forte do que o pequeno porteiro, deu-lhe um inesperado soco no nariz, que ficou sangrando.

BAGUNCEIROS DA GUARDA CIVIL

Em meados da década de 30, Natal era uma pequena cidade com aproximadamente 40.000 habitantes, correspondendo a cerca de 5% (cinco por cento) de toda a população do Estado. O movimento comercial concentrava-se nos bairros da Cidade Alta, no centro, e no da Ribeira, onde se localizava o cais do porto.

A cidade tinha um considerável movimento portuário, sendo frequente a presença de navios estrangeiros que levavam algodão e sal, para a Europa, além de navios brasileiros, de carga e de passageiros, fazendo cabotagem pelos portos nacionais. Também havia o Serviço Aero Condor (cargas, passageiros e correio), com um vôo semanal, vindo da Europa, em direção ao Sul do país, assim como o Serviço Aereo da Lufthansa, afora duas companhias francesas de aviação, a Compagnie Générale Aérienne Postale e a Latécoère, que anos mais tarde seria transformada na poderosa Air France.

Dada a excelente posição geográfica de Natal, que se projetava no oceano Atlântico, aproximando-se da costa da África, os aviões que provinham, ou que se destinavam à Europa, pousavam ali, indo e vindo de Dacar.

Os vôos de caráter puramente nacionais eram realizados por hidroaviões da Panair, que aquatizavam no rio Potengi.

Praticamente não havia indústrias, na Capital norte-riograndense, predominando pequenos estabelecimentos do tipo “fundo de quintal”, produzindo calçados, fabriquetas de bebidas, fabricas de sabão e outras, empregando um número muito pequeno de trabalhadores.

Tarde da noite, numa casa de um bairro residencial chique, um grupo de homens discutia assuntos políticos. O Tribunal Eleitoral do Rio Grande do Norte havia acatado os recursos encaminhados pela oposição, em face do que anulou o resultado de 39 seções eleitorais, do Estado, da eleição havida no dia 14 de Outubro de 1934, tal fato implicando na realização de um segundo turno de eleições para deputados estaduais e deputados federais em nada menos do que 23 dos 41 Municípios que compreendiam a subdivisão política do Estado.

Pela primeira vez, na história do país, tinha sido posta em prática uma eleição por voto secreto. Até então, as eleições daquele tempo eram do tipo “votação à descoberto”, comumente denominadas de “eleições à bico de pena”, em que os eleitores, ao comparecer a uma seção eleitoral, tinham que declarar, publicamente, o nome dos seus candidatos.

Por ser uma eleição de votação visível perante todos aqueles que se encontravam no local, os eleitores que se dispunham a votar nos candidatos da oposição ficavam expostos a constrangimentos e pressões de toda sorte.

As fraudes eram frequentes. À noite, uma vez encerrada a eleição, antes da apuração do resultado, os mesários tratavam de preencher, com sua própria letra, os espaços destinados a eleitores faltosos, inscrevendo votos para os candidatos do governo, ocasião em que eleitores ausentes, e até mesmo eleitores já falecidos “também votavam”, pelo que os candidatos situacionistas raramente perdiam as eleições para o pessoal da oposição, que não dispunha de força policial para intimidar os eleitores de outros partidos.

Mesmo após a implantação do voto secreto, em 1934, quando foi introduzido no país o sistema de cédulas eleitorais, mesários desonestos violavam as urnas, substituindo as cédulas de votos nos candidatos da oposição por cédulas contendo os nomes dos candidatos do governo, daí os protestos da oposição que levaram o Tribunal Eleitoral a determinar novas eleições no Rio Grande do Norte.

A eleição para Governador seria realizada por via indireta, através de votação a cargo exclusivamente dos deputados, após sua posse na Assembléia Estadual, razão do recrudescimento da campanha política, em que partidários do governo tudo faziam para angariar a simpatia dos eleitores indecisos, garantindo assim a maioria necessária, na Assembléia.

Este era o tema em discussão, naquela residência, seus integrantes trocando idéias de como fazer e de como proceder para eleger o maior número possível de deputados estaduais, pelo Partido Popular, de oposição ao Interventor Mário Câmara, então no poder, fato esse que lhes asseguraria a possibilidade de eleger o novo Governador do Estado.

Lá pelas tantas, o silêncio da rua foi perturbado pelo barulho de passos rápidos de uma pessoa que corria pela calçada, praticamente deserta. Pouco depois, seguiram-se vozes exaltadas, de homens zangados, que também corriam na mesma direção – **Pega ele ... peeeegaaaaa!**

Não demorou e, logo depois, ouviu-se o grito de uma pessoa jovem, que apelava, desesperado – **Socorrooooo! Socorrooooo.**

Diante daquele pedido de ajuda, o dono da casa, um cidadão de meia-idade, abriu a porta da rua e deslocou-se, rapidamente, até o jardim, a fim de ver o que se passava. Sob a luz de um lampião, dois homens, mal vestidos, munidos de cassetetes, batiam num rapaz imobilizado por um deles.

Decidido a intervir naquela confusão, o cidadão saiu de casa, gritando para os agressores – **Parem com isso. Parem com isso, eu já disse!**

O homem que usava o cassetete voltou-se para o cidadão, dizendo-lhe, ao mesmo tempo em que levantava o braço, ameaçando-o com o porrete – **Num se meta qui apanha tombém!**

Não se deixando intimidar, o cidadão aproximou-se mais ainda e, com voz autoritária, ordenou ao indivíduo que dava uma “gravata de pescoço” no rapazola – **Largue o rapaz!**

Aparentemente embriagado, o homem que segurava o rapazola atirou-o ao solo, ao mesmo tempo em que, sacando de um revolver, ameaçou o cidadão, apontando-o para sua cabeça – Ora, seu fio d’uma iégua ... Disse, raivoso.

Muito provavelmente aquele indivíduo teria feito uso da arma não fosse a interferência oportuna de outras pessoas que, atraídas pela confusão, também saíram da reunião política. Um deles gritou, desesperado – Minha Nossa Senhora. **O Senhor tá louco? Esse aí é o Dr. Raphael Fernandes, candidato a Governador do Estado.**

Diante daquela informação, os dois homens se entreolharam para, logo a seguir, saírem correndo, afastando-se do local, antes que alguém os pudesse identificar.

Auxiliado pelos companheiros, o Dr. Raphael Fernandes ajudou o rapazola a se levantar. Ele estava muito machucado e sangrava pelo canto da boca e pelo nariz. O Dr. Rafael indagou-lhe – O que aconteceu, filho? – Por que aqueles homens batiam em você?

Entre gemidos de dor e soluços de raiva, o rapazola respondeu, ao mesmo tempo em que limpava o canto da boca com as costas da mão – Eles queriam dinheiro.

– Eram assaltantes?

– Não, Senhor. São da Guarda Civil.

O Dr. Rafael já ouvira contar inúmeros casos de abuso de autoridade, perpetrados por elementos da Guarda Civil. Por isso, voltou a questionar o rapazola – Você disse que eram elementos da Guarda Civil?

O rapazola confirmou suas palavras, adiantando mais algumas informações. – São um bando de desordeiros. Passam a noite importunando as pessoas. Só por que eu estava namorando ...

Intrometendo-se na conversa, um dos participantes da reunião política comentou – Eles bebem ... fazem arruaça ... insultam as pessoas ... batem nos pobres ... violentam as empregadinhas domésticas, humilham e tomam dinheiro dos namorados.

Ar de incredulidade estampada na face, o Dr. Raphael limitou-se a dizer – Isso tudo é muito ruim. Vou mandar averiguar. Dito isso, ajudou o rapazola a caminhar até sua residência, onde iriam procurar estancar o sangramento do nariz, lavar o rosto ensangüentado e pensar as feridas e hematomas provocados pelos cassetetes dos Guardas atribiliários.